

DESVIANDO OLHARES: ESTÉTICAS-POLÍTICAS DOS RELATOS DE VIAGEM

Diverting aesthetic and political glimpses from travel accounts

Antônio Carlos Queiroz Filho¹

RESUMO

Uma das principais características dos estudos que envolvem a geografia contemporânea diz respeito a questões que lidam com a produção de pensamento sobre o espaço a partir de temáticas e abordagens diferentes daquelas alinhadas com os paradigmas dominantes e hegemônicos da produção de conhecimento geográfico (ex.: tecnicista, positivista, cientificista, etc.). São tomados como objeto de estudo e análise quaisquer obras da cultura, que são entendidas como gestos políticos de ação no mundo, as quais estão por realizar, de alguma forma, uma “grafia” do espaço. Este artigo teve por objetivo discutir, a partir das referências do pós-estruturalismo e da filosofia da diferença, uma atividade realizada com alunos do curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O propósito da atividade foi a produção de relatos de viagem a partir da ideia de pensamento menor discutida por Deleuze e Guattari, aproximando Geografia e Arte como forma de criar possibilidades outras de explicar o mundo: aproximando afetividade de efetividade política.

Palavras-chave: Geografia contemporânea. Relato de viagem. Pensamento menor.

ABSTRACT

One of the major characteristics of the studies involving contemporary geography deals with the production of thought about space from themes and approaches that are different from those aligned with the dominant and hegemonic paradigms (technicist, positivist, scientific, etc.). Any kind of cultural work that is considered a political gesture of intervention in the world and that somehow produces a “graphy” of space. The objective of this article is to discuss an activity developed with geography undergraduates at the Federal University of Espírito Santo (UFES), based on the references of post-structuralism and the philosophy of difference. The purpose of the activity was the production of travel reports based on the idea of “minor thought”, discussed by Deleuze and Guattari, approaching geography and arts as a way to create alternative possibilities to explain the world by linking affectivity to political effectiveness.

Keywords: Contemporary geography. Travel reports. Minor thought.

¹ Professor Adjunto, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo. cqueirozf@gmail.com.

✉ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Geografia. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras. 29060-900. Vitória, ES.

Olhar obliquamente o superconhecido.

Massimo Canevacci

GRAFIAS DE MUNDO, COM "G" MINÚSCULO E NO PLURAL: GEOGRAFIAS

Verdade e Representação: duas palavras que mais têm sido evitadas por diversas áreas do conhecimento. As escrevi em maiúsculo, pois elas chegam neste texto como ponto de partida para as reflexões que desejo evidenciar. Durante muito tempo, foram as balizadoras daquilo que se considerava como Conhecimento, também em maiúsculo: grafia de autoridade, de autoafirmação, do nome que é próprio, grafia capital, que aspira poder, uma Grafia Maior.

Muitos de nós já ouvimos alguma vez a expressão "no princípio era o verbo" (PRINCÍPIOS BÍBLICOS, 2011). Poucos, porém, ouvimos dizer que "no descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo" (BARROS, 2007). Verbo, do grego *logos*, geralmente é traduzido como razão, conhecimento. Se no princípio era a razão, teríamos hoje o delírio da razão? Existem, no entanto, outras acepções menos usuais para *logos*: intenção, comunicação, narração, palavra, linguagem. Quando a razão delira, essas traduções escondidas ganham evidência. No delírio, desdobramos o sentido de grafia e dobramos o sentido de maior.

No livro "A sociedade transparente", o filósofo italiano Gianni Vattimo argumenta que "é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar todos os outros" (VATTIMO, 1992, p. 9). Essa ideia de história única ou das chamadas "meta-narrativas" (LYOTARD, 1993) é o que está em discussão na contemporaneidade, é o que está em delírio. A geógrafa inglesa, Doreen Massey, discute no seu livro "Pelo espaço" sobre os rebatimentos que a ideia de trajetória

única tem trazido para o entendimento e a produção de pensamento sobre o espaço.

Muitos autores, além daqueles citados acima, realizam um debate sobre o modo como essas estruturas do saber se estabelecem. Alguns avançaram na discussão e estão, por assim dizer, a nos convocar para um pensamento diferente: o pensamento menor. Claramente, estou situando o leitor no universo do pós-estruturalismo, tomando como referência conceitual primeira, as reflexões feitas por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro "Kafka: para uma literatura menor".

De forma diferente, todos estão a nos chamar a atenção para os encaixos produzidos por essas grafias maiores, por essas hegemonias de pensamento, interpretações dominantes. Reguladoras de nossas práticas sociais e discursivas, esses modelos paradigmáticos fazem convergir todas as múltiplas narrativas, linguagens, discursos e intenções para um lugar na fila da nossa História Única, em maiúsculo. E "como é minúsculo o olhar de quem vive no escuro", canta o músico capixaba Sergio Sampaio². É essa grafia, feita no escuro e em minúsculo que nos interessa.

"Como entrar na obra de Kafka?" Essas são as primeiras palavras de Deleuze e Guattari. Para os autores, a obra do escritor alemão é um rizoma. Então eles perguntam: "qual é o mapa do rizoma e como é que este, de repente, se modifica se se entrar por qualquer outro ponto?" (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Para eles, um rizoma tem entradas múltiplas e a principal consequência disso é a dificuldade do que eles chamam de inimigo entrar na (numa) obra: o Significante. Mas não é apenas a literatura de Kafka que é rizomática.

Eis então uma primeira marca do pensamento menor: ele é rizomático, portanto, não cabe, como nos explicam Deleuze e Guattari (2003, p. 25), o arquétipo, que "procede por assimilação,

² <http://www.youtube.com/watch?v=voNxeHYYw8o>.

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem

Antônio Carlos Queiroz Filho

homogeneização, temática”. Não cabem as “associações ditas livres”, nem as interpretações, no sentido de “dizer que isto quer dizer aquilo” e, menos ainda, “uma estrutura, com oposições formais e significante feito de antemão”.

Acontece que o arquétipo e a estrutura são marcas ainda bastante resistentes no fazer científico. Como proceder rizomaticamente diante daquilo que é envolto por uma carapaça das mais duras possíveis de se imaginar?

Enquanto não se vir por onde e em que direção o sistema se escapa, como devem, e que elemento vai ter o papel de heterogeneidade, corpo saturante que faz fugir o conjunto e que quebra a estrutura simbólica, assim como a interpretação hermenêutica, a associação leiga de ideias ou o arquétipo imaginário (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 25).

Não estou falando de corpo saturante e linha de fuga para qualquer coisa ou de qualquer coisa. O que me interessa aqui é entender como esses procedimentos são possíveis para uma ciência que é fortemente assentada nos paradigmas da representação. Prima pobre das humanidades, a Geografia ainda insiste em realizar um movimento por demais empobrecedor: o da autoafirmação como ciência. É empobrecedor, pois ela toma como referência aquilo que definia o fazer científico no século da razão, o que a impede de sair desse divã egóico na qual ela está deitada até os dias de hoje.

O pensamento menor é marca da contemporaneidade. Psicologia, Antropologia, Arquitetura, História e Educação já possuem reflexões consistentes sobre isso. A Geografia, parada no século XVII-XVIII, ainda insiste em dizer o que é Geografia e o que não é Geografia. O mapa, por exemplo, cópia fiel da realidade, representada por meio de códigos e sistemas símbolos inteligíveis e reproduzíveis. Influenciado pela arte e filosofia, temos mapas mentais, mapas feitos por deficientes visuais,

mapas feitos por loucos, mapas feitos por ativistas, enfim, mapas que escapam da estrutura representacional. O que a geografia faz com esses mapas? Em vez de acompanhar todo o debate existente na contemporaneidade sobre os limites e potencialidades do paradigma representacional e discutir sobre, por exemplo, como o mapa participa dessas discussões, ela escolhe fazer o mais fácil: classificar todos esses mapas (saberes) como não Geografia.

Esse seja, talvez, o grande Édipo da Geografia e, como tal, cabe lidar com ele com uma característica peculiar deleuziana, a da virtuosidade ou positividade. Se Édipo é valor mercantil da neurose, positivá-lo seria “desterritorializar Édipo no mundo”, no sentido de aumentá-lo, sair da submissão, abrir o impasse, desbloqueá-lo (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 30). Desterritorializar: tirar do lugar comum. Outra marca do pensamento menor. Como tirar (sair) a Geografia do seu lugar comum?

[...] (uma saída não é “a liberdade”), a saída, pelo contrário, não consiste de maneira nenhuma em fugir. Todavia, por um lado, a fuga só é recusada como movimento inútil no espaço, movimento ilusório da liberdade; esta é, em contrapartida, afirmada como **fuga no mesmo sítio, fuga em intensidade** (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 35, grifo do autor).

Em vez de querer representar o mundo, a geografia poderia devir o mundo. “O devir é captura, posse, mais valia; nunca é reprodução ou imitação” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 35). E os devires geográficos certamente só são possíveis não pela negação e, sim, pela rasura daquilo que a própria Geografia desqualifica, deslegitima. Destacamos duas dessas grafias: a literatura e a pintura. Não para encontrar nelas uma Geografia atestada e verificada nas folhas e telas, mas para desterritorializar. Nesse sentido, não nos interessa a busca da fidelidade atribuída ao olho e continuada nos traços de um mapa ou imagem digitalizada; como uma reprodução de uma “cartilha visual”

(QUEIROZ FILHO, 2010), daquilo que Susan Sontag (2004) chama de “gramática do ver”.

No documentário “Só dez por cento é mentira” (2008), sobre a vida e obra de Manoel de Barros, há uma cena que traduz, de forma genial, a ideia do pensamento menor. Todos nós, quando criança, já brincamos de procurar nas nuvens formas conhecidas de animais ou qualquer outro objeto. No documentário, as formas vão ganhando vida não mais no céu acima de nossas cabeças. Aprendemos a olhar para baixo, para o chão, para aquilo que está próximo, escondido debaixo de uma pedra, nas frestas e entranhas de um muro, corroído pelo lodo.

Para Manoel de Barros, não interessa o olhar capturado pelo óbvio, assim como para Kafka, não interessava a música organizada – a forma musical ou a música “semioticamente formada”, “mas a pura matéria sonora intensa”, “som musical desterritorializado” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 22-23). Para a geografia, com “g” minúsculo, não interessa, por exemplo, o mapa fiel do lugar – um mapa de ruas, de localização, de caminhos já percorridos a serem percorridos por outros.

A proposição que faço toma o pensamento menor como potência que nos sugere, portanto: desterritorializar a linguagem Geográfica por excelência. Tomar como objeto de estudo e análise quaisquer obras da cultura e entendê-las como gestos políticos de ação no mundo, as quais estão por realizar, de alguma forma, uma “grafia” do espaço. Realizar, por assim dizer, “uma conjunção de fluxos de Desterritorialização que ultrapassa a imitação”, (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 35), dito em outras palavras, o desvio do olhar.

PROTOCOLOS DE EXPERIÊNCIA

Retomo Deleuze e Guattari quando ele pergunta: como entrar na obra de Kafka? E nos perguntamos: como “entrar” num lugar? E continuamos: como sair de um lugar? Deleuze e Guattari (2003, p.

19) comentam: “qual o mapa do rizoma, e como imediatamente ele se modificaria se entrássemos por um outro ponto [...]”. E nós: qual mapa [geografias] do lugar... Como entrar e sair de um lugar? Deleuze responde: por meio de protocolos de experiência, por meio da experimentação.

A experimentação que propus foi a de produzir passagens, travessias, experimentações corporais, poéticas e sensitivas numa geografia presentificada em **Relatos de Viagem**. Foi desenvolvida uma atividade com os alunos do curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Saímos de Vitória (ES) rumo a Cumuruxatiba (BA). Como nos aponta Amorim Filho (2010, p. 81), “possivelmente, os relatos de viagem – em todos os seus formatos: narrações orais, relatórios escritos, diários, croquis e outros desenhos, fotografias, etc. – tenham sido, desde os tempos mais remotos da história humana, uma das principais fontes da geografia”.

Não queríamos, no entanto, um relato como transcrição daquilo que fosse visto. Nossos relatos deveriam ser uma fuga, fuga na intensidade, como nos sugere Deleuze. Resolvemos então rasurar a ideia de relato como cópia, descrição, representação. Nossos relatos assumiriam a própria viagem como exploração e descoberta, antes e depois de sua produção, assim como são as crianças quando chegam ao parque de diversões. Quando olham para a roda-gigante. Corpos que se agitam no clique da trava. Começa a jornada.

A criança explora... o desejo e, ao mesmo tempo, o medo do que será descoberto quando seus olhos chegarem ao topo. Viajamos como “o menino que carregava água na peneira” (BARROS, 2010):

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
[...]

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem

Antônio Carlos Queiroz Filho

O menino era ligado em despropósitos.
 Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
 A mãe reparou que o menino
 gostava mais do vazio
 do que do cheio.
 Falava que os vazios são maiores
 e até infinitos.
 [...]
 Com o tempo descobriu que escrever seria
 o mesmo que carregar água na peneira.
 [...]
 O menino aprendeu a usar as palavras.
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
 E começou a fazer peraltagens.
 Foi capaz de interromper o voo de um pássaro
 botando ponto-final na frase.
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
 O menino fazia prodígios.
 Até fez uma pedra dar flor!
 [...]

“Exercícios de ser criança”
 Manoel de Barros

E fazendo peraltagens, não queríamos o olhar passivo aos aparatos tecnológicos, em que a câmera é o registro e o corpo, seu passivo. De fato, é quase como se quiséssemos inverter essa sentença: relatos feitos de memórias, rastros, pegadas, derivas, numa geografia do corpo que percorreu por um determinado lugar e nele se intensificou: memória e corpo como constituintes das geografias que fazemos dos lugares. Essa intensidade é o que o relato, nessa perspectiva, buscou dar visibilidade. Para isso, uma aproximação virtuosa e potencializadora foi realizada: geografia e arte atravessaram uma a outra e balizaram nossos protocolos de experiência.

Ao tomarmos a produção de relatos de viagem a partir da aproximação entre Geografia e Arte, aproximamos também os métodos de produção do conhecimento geográfico, suas respectivas “grafias”. Dobramos, uma sobre a outra, aquilo que se definiu como “pré-geografia” e as geografias contemporâneas. Ao ser reconhecida a permeabilidade entre as estéticas da pintura, na fotografia, efetivase a promoção de uma política visual que coloca em discussão a ideia da foto, da imagem ou da geografia contemporânea, por assim dizer, como representação, e do quadro, da pintura ou das impressões contidas no relato como arte, como pré-geografia. Um como registro, portanto, resultado do objeto – a máquina – o outro como criação e imaginação, resultado do humano.

Essas foram algumas das travessias entre as estéticas políticas identificadas num conjunto de pinturas e suas possíveis permeabilidades-potencialidades para a linguagem fotográfica utilizada pelos alunos. Os artistas-pintores escolhidos serviram como “tutores” para o processo de constituição desses relatos. O objetivo era discutir sobre como Tarsila do Amaral e Jean-Baptiste Debret, por exemplo, olhariam o mundo de hoje se tivessem, em vez do pincel, uma câmera fotográfica em suas mãos. Mas não a pessoa/artista propriamente e sim seu modo de ver o mundo, configurado nas telas e grafado pelas suas pinceladas. O principal objetivo era desprender o olhar e seus aparatos de registro, do paradigma do qual ele é fortemente associado, o da representação.

Apresentaremos três tipos de relatos. O primeiro deles diz respeito a aproximações feitas a partir da verossimilhança de forma e temática daquilo que foi visto e capturado pelos alunos e o artista (pintor) que era uma espécie de tutor imaginativo. O segundo relato tomou a liberdade de brincar com a escala de captura das imagens (pensamento e linguagem), diferente do padrão que nos é ensinado pela Geografia

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem
Antônio Carlos Queiroz Filho

Maior. O terceiro relato tomou a poesia como diretriz e aproximou corpo e palavra para produzir uma geografia da experiência.

DOS RELATOS – IMAGENS E VEROSSIMILHANÇA

Os pintores Jean-Baptiste Debret, Tarsila do Amaral, Frans Post e Johann Moritz Rugendas nos serviram de companhia solidária, assim como o poeta Manoel de Barros. Eles emprestaram a nós seus olhares. Permitiram-nos olhar fora da cartilha. Destacamos neste artigo as obras de Debret, que olhava o trabalho e o cotidiano e Tarsila, que assumia a forma-criança para desdizer das paisagens e da representação como única forma de olhar. Manoel de Barros desaprendia a linguagem, desfuncionalizava o óbvio. Com eles, o lugar-Cumuruxatiba não se reduziu ao lugar-Praia ou ao lugar-Turismo. Ao grafarem suas trajetórias, os alunos estavam sendo autores dos próprios relatos e autoria significa autonomia de pensamento e de experiência.

É importante reforçar a ideia de autoria com a qual lidamos nestas reflexões e em nossa atividade. Como não estávamos em busca da verdade sobre o lugar para o qual viajamos, verdade essa comumente vendida pelos encartes e *sites* turísticos, autoria diz respeito ao movimento realizado por aquele que produz qualquer obra na e pela linguagem, de dar a ver os traços de sua grafia, o peso de sua mão, os impulsos, os suspiros, as escolhas e intencionalidades que mediam todo e qualquer processo de produção de pensamento.

Não queríamos a ocultação daquele que fala, como nos chama atenção Jorge Larrosa quando discute sobre o poder da verdade e a verdade do poder (LARROSA, 2010). Por esse motivo, a escolha de determinados pintores para “acompanhar” os percursos realizados pelos alunos no lugar-Cumuruxatiba. Estudamos ainda, em sala de aula, as “marcas” contidas em suas obras, espécie de identidade

visual, ou seja, sobre o que eles tratavam e como eles traduziam suas preocupações nas telas.

A turma foi dividida em grupos e cada um deles recebeu a tutoria de um pintor. A ideia era evitar a armadilha do olhar condicionado pelas imagens turísticas dispostas na internet e, também, reconhecer o processo criativo como sendo autoral e não representacional, no sentido de olhar para as imagens e dizer: aqui é assim.

O propósito não era o de reproduzir o “efeito-realidade” de que fala Larrosa, e sim de proporcionar aquilo que o autor qualifica como “pluralização da realidade” (LARROSA, 2010, p. 154), o que implica dizer, portanto, que as **imagens-do-lugar-Cumuruxatiba-Turístico**

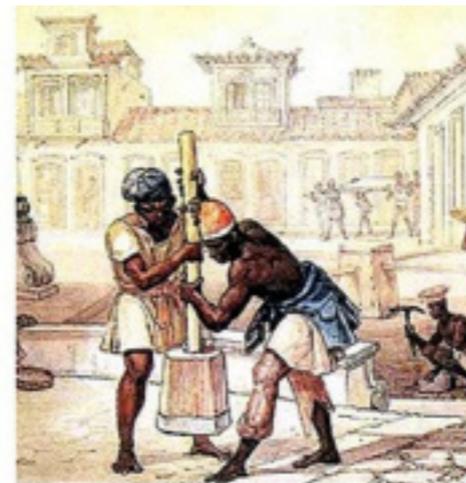


Figura 1 – Montagem: O trabalho e o cotidiano em Debret e em Cumuruxatiba

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem

Antônio Carlos Queiroz Filho

não são realidade do lugar e nem as **experiências-do-lugar-Cumuruxatiba-Poesia** são o subjetivismo do lugar. Ambas são, nos termos das afirmações pós-estruturalistas e dos filósofos da diferença, ficções, versões, fabulações, versões e, no jogo de produção de realidade, uma delas se estabelece como dominante, hegemônica.

O que nossos relatos estão por fazer, no limite, é colocar em dúvida o poder da realidade representacional traduzida, por exemplo, pelas imagens fotográficas. Eles estão evidenciando o “caráter plural da verdade, [...] o caráter construído da realidade, [...] o caráter poético e político da linguagem” (LARROSA, 2010, p. 164). Apresentamos a seguir algumas dessas pluralidades. Os alunos “continuaram” em suas fotografias, as referências estéticas e temáticas de cada pintor. Destacamos aqui o trabalho realizado pelo grupo de Fabrício Ávila, Liliane Leite, Marinalva Goldner, Paulo Covre e Wagner Novelli, que teve Debret como tutor (Figuras 1, 2 e 3) e o grupo de Josias Cruz, Micheli Moscon, Renato Marinho e Taishi Leonardo, que teve Tarsila como tutora (Figura 4). À direita estão as fotografias e, à esquerda, as pinturas.

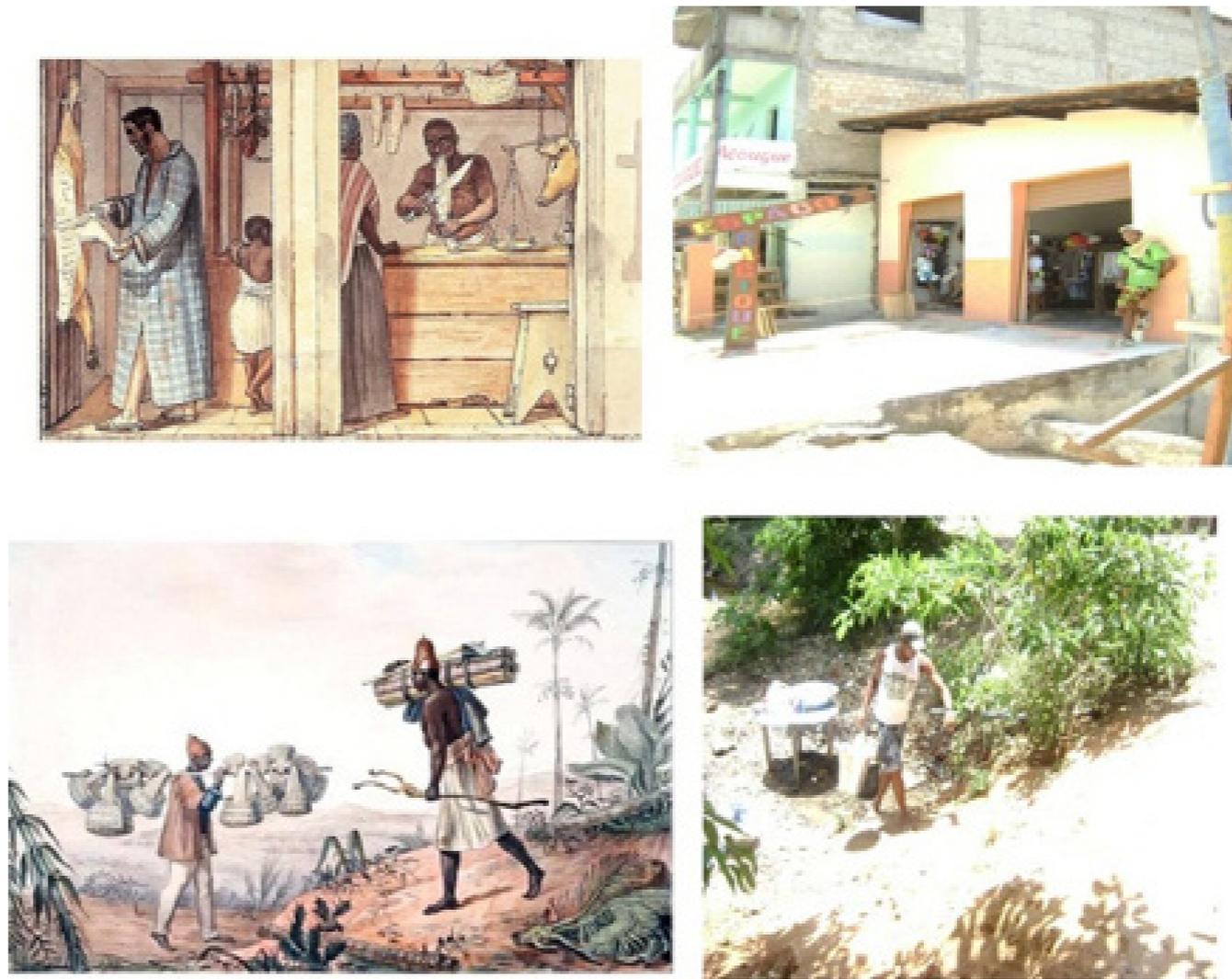


Figura 2 – Montagem: O trabalho e o cotidiano em Debret e em Cumuruxatiba

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem

Antônio Carlos Queiroz Filho

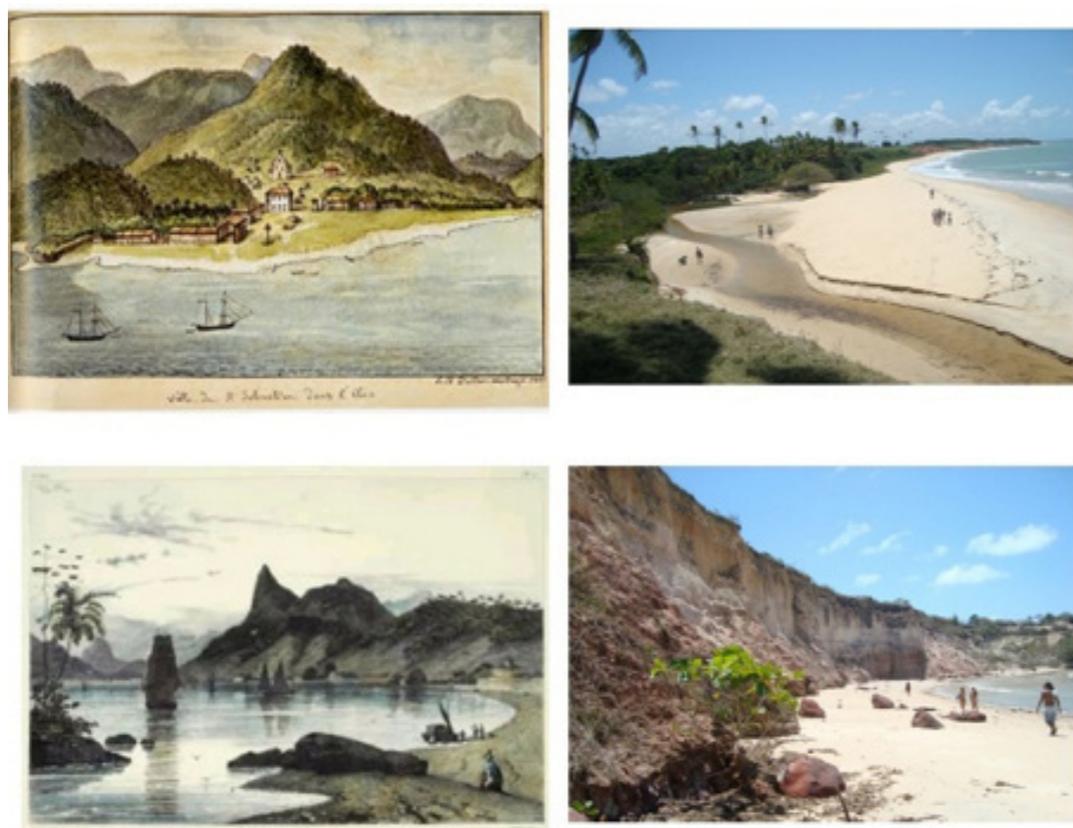


Figura 3 – Montagem: Paisagens em Debret e em Cumuruxatiba



Figura 4 – Montagem: Paisagens em Tarsila e em Cumuruxatiba

DOS RELATOS – IMAGENS E DOBRAS

A cidade destino da aula de campo foi a vila de Cumuruxatiba (que em pataxó significa “a diferença entre a maré alta e a baixa”), distrito do município de Prado, localizado no litoral extremo sul da Bahia, cenário do percurso feito pela esquadra de Pedro Álvares Cabral em 1500. O lugar adensa possibilidades históricas e geográficas que permitiram aos alunos produzirem seus relatos de viagem, assim como fez Pero Vaz de Caminha quando da chegada dos portugueses ao Brasil. Com esse forte apelo turístico, para não correr o risco de que todos fossem exclusivamente em direção à praia, nossa fuga na intensidade lançou mão daquilo que chamamos de derivas fotográficas.

Queríamos nos “perder”, no sentido benjaminiano do termo. Sorteamos um número e jogamos as marcações numa imagem de satélite do município (Figura 5). Cada grupo ficou com 6 pontos distribuídos aleatoriamente. Cada ponto não funcionava como objetivo, como marcação apenas, mas como lugar de passagem, pois o importante para nós era o movimento, o percurso, a trajetória, afinal de contas, não queríamos definir o lugar, mas, de alguma forma, compreendê-lo em sua polifonia e policromia de significados possíveis, como nos aponta o antropólogo italiano Massimo Canevacci. Para o autor, “compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados” (CANEVACCI, 2004, p. 35).

E assim fomos a busca dessa pluralidade, sendo plurais. Cada ponto marcado no mapa era um mergulho na intensidade, assim como cada fragmento intensivo encontrado nos caminhos feitos pelos olhares duplamente curiosos, de nós que olhávamos, mas também, que éramos vistos. A indicação dos pontos a serem percorridos era uma imagem de satélite, objeto certamente familiar para a Geografia

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem
Antônio Carlos Queiroz Filho

Maior. Profanamos a imagem, rasuramos aquilo a que ela se propõe: ela deixou de ser confundida com o próprio território. Sobrepomos escalas tidas como incomunicáveis. No trabalho realizado pelo grupo composto por Thatyane Monico, Ana Carolina, Maria Luiza e Filiph Broetho, o olhar distante e horizontal da imagem de satélite foi atravessado pelas fotografias tiradas no plano horizontal (Figura 6).

O intensivo e o extensivo se contaminaram. Dobramos um sobre o outro e, ao fazermos isso, produzimos um novo território existencial, um novo lugar conceitual, um novo espaço sensível. Deixamos de lado a linguagem geográfica representativa para “tender para os extremos ou limites” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 49) dessa própria linguagem: desterritorializamos o pensamento geográfico estabelecido.



Figura 5 – Montagem: Deriva



Figura 6 – Montagem: Dobras e intensidades

DOS RELATOS – PALAVRAS DO CORPO INTEIRO

Há **paisagem** num olhar entristecido? Há **fronteira** num sorriso contido? Há **território** num abraço apertado? Há **lugar** num suspiro de prazer? Qual seria a **escala** contida num corpo nu? Qual seria a escala para uma **geografia** que saboreia o mundo? Saborear o mundo significa reconhecer, em grande medida, que o espaço contém cheiros, gostos, sensações, esbarrões, piscadelas, náuseas, enfim. Experimentamos o mundo de corpo inteiro, com o estômago, com a boca, com as mãos, com o nariz, e também com os olhos (QUEIROZ FILHO, 2007). Os dois relatos a seguir são assim, para saborear.

Uma viagem¹

Alguns são exploradores de novos espaços e situações. E será que isto nos faz buscar ou nos impulsiona a novas experiências? Será que nos tornamos exploradores apenas nestes novos espaços ou novas situações? Uma viagem de um ponto A ao ponto B pode ser apenas um fato banal de um mero deslocamento. Tenho muitos sentimentos sem nome e muitas vontades de não sei bem o quê. Tenho a ansiedade do se andar sozinho para pensar junto, de caminhar horas e horas com destino ao paraíso composto de areia e mar, de rede pra se deitar, de maresia para sentir a paz. O rio que corta essa praia no meio é o reflexo de que a paz do mar, mesmo quando agitado, ainda é calmo, carregado de inúmeras histórias dos pés que ali já molharam, esses já nem sempre tão calmos... A maré alta e a maré baixa, uma imensidão de um azul líquido com aspecto furioso escava a terra firme numa teimosa luta e esculpia preguiçosamente estruturas gigantescas de encher os olhos. Um lugar (des)conhecido, onde meus sentimentos me guiaram lentamente por uma sinuosa faixa de grânulos muito finos, uma via convidativa para longas caminhadas. Enquanto a minha pele estava sendo acariciada pelo frescor de uma brisa suave, o sol, impiedosamente, atacava com o seu calor incessante. Com o tempo meu percurso foi parcialmente modificado, no entanto, descobri que quem mudou fui eu. Novos cenários foram se descortinando diante dos meus olhos. Vagas sombras amenizavam o meu cansaço, motivando-me a observar o jogo de cores, tudo tão colossal. Igual quando se retira uma máscara do rosto e se depara, de fato, com a vida, com todos os seus gostos doces e amargos, secos e às vezes molhados, de se reconhecer em si mesmo: no sorriso do outro, no osso da baleia, na flor que nasce na mata, na estrada, que pode ser melhor de se fazer ao som do vento nas ondas, ou na vontade de sair correndo no píer só pra ver aonde é que dá, porque se ali é o paraíso, algo descansa. Posso chamar de ponto final ou ponto de partida.

¹ Relato produzido pelas alunas Thatyane Monico, Ana Carolina e Maria Luiza.

Cumuruxatiba... em palavras!¹

Cumuruxatiba: Vende-se!
Palavras,
Desejos,
E um pedaço de chão
...
Um não: todos!
Lugar-Ausência
Que cabe numa mochila
Daqueles que passam
Mesmo estando
Lugar-Silêncio
Revestido pelo mar
Que teima em anunciar suas ondas
Numa sinto(cro)nia elegantemente repetida
Lugar-Fronteira
Comarca de forasteiros
Onde o juízo é a ponta da faca
Ou o barulho do pipoco.
Lugar-Preguiça
Assumido por alguns
Entendido por poucos
Lugar-Intensivo
Remissivo
Alusivo
Lugar-Memória
Grafado nos pés
E no coração que cansou de bater
Continuadas
No Lugar-Geografias
De cada um.
Cumuruxatiba: Compra-se!

¹ Relato produzido pelo autor do artigo.

Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem

Antônio Carlos Queiroz Filho

Parafraseando Deleuze e Guattari: o mesmo será dizer que “menor” já não qualifica certas geografias, mas as condições revolucionárias de qualquer geografia no seio daquela que se chama grande. Por isso nossos relatos são menores: eles foram feitos de multiplicidades, de imagens que nos apontaram, ao mesmo tempo, para as hegemonias e intencionalidades já estabelecidas, mas também para possibilidades outras de produção de conhecimento e de (a)fetividade política. Relatos feitos com uma grafia constituída de aproximações e experimentações. Relatos feitos com uma grafia escrita com “g” minúsculo e no plural: **geografias**. 

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lucia Helena Batista. (Orgs.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. Exercícios de ser criança. In: **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução: Cecilia Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Documentário. 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: para uma literatura menor. Tradução: Rafael Godinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfred Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PRINCÍPIOS BÍBLICOS. Disponível em: <<http://www.biblebasicsonline.com/portuguese/07/0704.html>>. Consultado em 2011.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Saboreando o espaço, inventando paisagens. **Revista Paisagens em Debate**, FAU-USP, 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens/inicio.html>>. Acesso em: 10 maio 2012.

_____. A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens. **Revista Educação Temática Digital**, ETD, 2010. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/etd/index.php>>. Acesso em: 10 maio 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Tradução: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

Submetido em Março de 2012.

Revisado em Abril de 2012.

Aceito em Junho de 2012.